

País volta a negociar com bancos

PAULO SOTERO

Correspondente

NOVA YORK — Animado com a projeção de tendência de queda da inflação divulgada pela Fipe antes do carnaval, o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, inicia hoje a terceira e última etapa do plano que traçou no ano passado para normalizar as relações do País com a comunidade financeira internacional. Depois de ter assegurado o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) para o programa gradual de estabilização da economia e alcançado um acordo com os governos credores do Brasil, no Clube de Paris, o ministro começa hoje uma série de encontros com o objetivo de colocar a negociação com os bancos credores na reta final.

Hoje, Marcílio almoça com dirigentes de grandes bancos americanos no hotel Intercontinental. À tarde, faz palestra no Council of Foreign Relations para acadêmicos e executivos de empresas multinacionais com interesses no Brasil. Amanhã, ele se encontra com os editores do The Wall Street Journal e almoça na

sede da revista BusinessWeek. Na segunda-feira passada, o ministro interrompeu os dias de descanso que se deu em Nova York para um encontro com os editores do jornal The New York Times.

A agenda de Marcílio inclui também uma reunião com os diretores das subsidiárias de bancos brasileiros nos Estados Unidos. Elas são credoras de aproximadamente US\$ 6 bilhões da dívida externa do País. Pela primeira vez desde 1982, quando o governo quebrou, essa parte da dívida não foi incluída na negociação com os credores externos. Ela será tratada separadamente. Uma solução em estudo contempla a conversão dessas obrigações em títulos do Tesouro.

Missão política — A missão de Marcílio é política. Embora relutem em fixar prazos rígidos para chegar a um acordo com os bancos, assessores do ministro disseram que o objetivo da sua viagem é mobilizar o apoio que puder para conseguir um acordo com os bancos o mais rapidamente possível. Inspirado pelo exemplo do México, em 1989, Marcílio aposta que o

efeito psicológico de um acerto com os bancos aumentará a confiança do empresário brasileiro na atual política econômica, ajudará a quebrar a inflação e dará o apoio político de que o governo Collor precisa para levar adiante a reforma estrutural do sistema tributário, no segundo semestre.

Em seus encontros com banqueiros e outros executivos, Marcílio encontrará interlocutores simpáticos, mas não menos céticos do que a média dos brasileiros sobre as chances de êxito do programa econômico. A favor, há o interesse dos bancos americanos, que estão afogados em questões domésticas, de tirar o Brasil de sua lista de problemas o quanto antes. O negociador da dívida, Pedro Malan, reúne-se hoje com os três executivos que lideram o comitê dos bancos credores do País para acertar os próximos passos da negociação. O Brasil, que recebeu bem a mais recente proposta dos bancos, há duas semanas, deve dar uma resposta na semana que vem. Fontes dos dois lados acreditam que, se a inflação cair, os contornos de um acordo podem estar definidos em maio.